

Dublê de etnógrafo II: ou diários do futebol na Alemanha

An ethnographer stuntman II: or a diary on the football in Germany

Bernardo Borges Buarque de Hollanda

Escola de Ciências Sociais, FGV-CPDOC, Rio de Janeiro/RJ, Brasil

Doutor em História Social da Cultura, PUC-Rio

bernardo.hollanda@fgv.br

RESUMO: O manuscrito segue a forma de um diário futebolístico de viagem, fruto por sua vez de uma missão de pesquisa de duas semanas em diferentes partes da Alemanha, durante o final do ano de 2024. Em primeira pessoa, descrevo personagens, espaços e eventos relacionados à temática do futebol nesse país europeu, com o fito de colher impressões acerca do imaginário esportivo nacional, seja em reuniões formais de pesquisa seja em situações informais de passagem pelo território. Graças à colaboração de um nativo que é também um jovem professor na universidade de Bayreuth, na Bavária, e já um pesquisador de referência na sociologia alemã do esporte, procuro reconstituir sob diferentes ângulos práticas e representações do futebol em cidades como Munique, Nuremberg e Gelsenkirchen, entre outras. Numa espécie de *pot-pourri*, comento a dinâmica das torcidas “ultras” e de seus espaços urbanos de sociabilidade; apresento a atmosfera dentro e fora dos estádios e das arenas, em dias com e sem jogos; relato cenas prosaicas de um domingo de futebol de mulheres num centro de treinamento de um tradicional clube da região industrial do Ruhr; por fim, em destaque, reporto uma visita ao Museu do Futebol, em Dortmund, com uma descrição e uma análise do percurso museal nesse equipamento expositivo, tencionando bosquejos comparativos com seu homônimo em São Paulo.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol na Alemanha; Torcidas ultras alemãs; Museu do Futebol em Dortmund.

ABSTRACT: The manuscript follows the form of a football diary trip, due to a work mission of two weeks in different parts of Germany, during the end of 2024. In first person, I depict actors, spaces and events related to the football subject in this European country, collecting impressions on the national sports imaginary, even at formal academic meetings or at informal situations while crossing the territory. Thanks to the collaboration of a native that is also a young professor from the University of Bayreuth, in Bavaria, as well as a reference researcher in the sports German sociology, I aim to reconstitute, based on different angles, the practices and representations of the football in cities as Munich, Nuremberg and Gelsenkirchen, among others. Like a kind of a mosaic, I comment on the dynamics of the “ultras” supporters and its urban spaces of sociability; I introduce the inside and outside atmosphere of the stadiums and the arenas, during days with and without matches; I narrate prosaic scenes of a Sunday of women’s match in a training centre from a traditional club linked to the industrial region of Ruhr; finally, I stress and report a visiting to the Football Museum in Dortmund, with a description and an analysis of the long and short term exhibitions of this cultural equipment, seeking a brief comparison with its homonym in São Paulo city, Brazil.

KEYWORDS: Football in Germany; German ultra groups; Football Museum in Dortmund.

No dia seguinte à partida do Borussia, um domingo (29/09), procuramos nos refazer da experiência futebolística e da jornada noturna.¹ De todo modo, aproveitamos o dia ensolarado para conhecer o complexo industrial, berço da história do futebol alemão: o Ruhr. Visitamos um sítio tombado pela UNESCO, com as antigas minas de carvão que fomentaram a pujança da indústria nacional na Westfália. São trinta minutos de carro até Essen, onde se inscrevem fábricas remanescentes do século XIX, com seu tradicional processo de restauração, musealização e reaproveitamento para fins de lazer e turismo regional interno nos fins de semana.



A região do Ruhr é muito marcada pela história de indústrias e da mineração de carvão na Vestefália, desde o século XIX. A imagem reproduz um dos complexos industriais tombados pela UNESCO, área também muito associada ao berço do futebol na Alemanha, em princípios do século XX.

Os arredores nos permitiram ir, além disso, a Gelsenkirchen, cidade do maior rival do Borussia Dortmund, o time do Schalke 04. Hoje na segunda divisão, Schalke é uma equipe importante do país, com um passado de títulos e conquistas nacionais. A grandeza corresponde à altura de sua “moderna” arena, construída na época da organização da Copa de 2006 e que causa impacto em quem a avista de longe. Mesmo sem dia de jogo, resolvemos fazer uma incursão à região do estádio naquele domingo frio, mas ensolarado. A caminhada no entorno do clube possibilita uma visada do complexo clubístico, dotado de uma estrutura profissional de primeira grandeza a um observador externo.

¹ Este texto foi possível graças a uma missão de trabalho de duas semanas no exterior, sob os auspícios do Programa Capes-Print.

Os diversos gramados circunvizinhos à arena assistiam a partidas da Liga feminina. Aproximamo-nos de um dos jogos, em que havia familiares e espectadores no perímetro do campo, com o incentivo e até alguns instrumentos sonoros de apoio às futebolistas. Do outro lado, uma delegação de mulheres reunia-se para o ônibus, após o que parecia ser um treino preparatório. Notou-se ainda um campo à moda antiga, com vestígios de sua antiga arquibancada circular e as tradicionais barras de contenção dos torcedores em pé.



Visita às dependências do clube Schalke 04, principal rival regional do Borussia Dortmund, na cidade de Gelsenkirchen. O complexo esportivo inclui a Veltins Arena, equipamento para a prática do time atualmente na segunda divisão. Esta é ladeada por campos abertos para, entre outros, a prática de um amistoso do futebol de mulheres do clube.



Duas fotografias do entorno do campo antigo do Schalke 04, com arte de rua em paredes e muros com desenhos alusivos à torcida no bairro de origem do clube.

O caminho entre o estacionamento, a arena e o conjunto de campos ensejaram perceber as marcas da torcida Ultra do clube azul-e-branco. Desenhos grafitados nos

muros e os onipresentes adesivos autocolantes timbravam diversas vias de passagem, seja para pedestres seja para automóveis. A colagem em postes e placas visa, por suposto, a demarcação do território e a exibição da importância e da influência do grupo na existência do clube, com a estilização dos personagens torcedores, que parecem remeter ao universo gráfico dos *comics* ou dos quadrinhos. Tais desenhos estilizados vão de par com símbolos do grupo, com slogans e com mensagens diretas ou indiretas às torcidas rivais que, porventura, passem por ali.

A vantagem de estar ao lado do meu generoso e hospitaleiro supervisor, também especialista no tema das torcidas, consistiu no aproveitamento de uma série de informações e a condução por lugares que, sozinho, seria incapaz de conhecer e de travar contato. Um exemplo foi a continuação da visita ao bairro de origem da agremiação. Foi assim que tomamos o carro e rumamos ao antigo estádio do clube, a uns cinco minutos de automóvel da arena.

Decadente, mas resiliente, o campo do Schalke era palco naquele dia de uma confraternização, com crianças, mulheres e homens uniformizados com as cores vermelhas de um clube amador. Em ambiente de descontração, brincavam, corriam, jogavam bola, conversavam e bebiam ao redor do gramado. Ao passar por uma outrora bilheteria, adentramos o vetusto local, com a tribuna principal ainda erguida e ainda vestígios do restante do anel da arquibancada, com seu cimento e espaço para assistência. Uma placa e uma porta trancada indicam ali ser a sede do *Fan Project* da cidade, bem menos apresentável e conservada que a congênere de Fürth, visitada na Baviera, conforme descrito anteriormente

De todo modo, um sinal da diferença de realidades do programa de clube a clube, ainda que ambos – Schalke e Fürth – encontrem-se hoje na segunda divisão. E, uma vez mais, observei as fachadas das vias e os muros dos prédios pintados com desenhos evocativos dos Ultras do Schalke. Aquele em princípio passeio de domingo acabou por se revelar um instrutivo e inaudito meio de compreender a geografia, a memória, as marcas do passado no futebol alemão, bem como as marcas das torcidas no seu presente.

Outro dado nativo passado por Christian diz respeito a uma partida da *Champions League* em Gelsenkirchen. Não era o Schalke que jogava, mas um time da Ucrânia, cuja guerra com a Rússia impede a competição em seu país. O Shakhtar Donetsk encontrava abrigo e disputava partida contra os italianos do Bergamo. Meu

supervisor relatou ainda incidentes ocorridos na cidade ao final da partida, por rivais do Eintracht Frankfurt, em função de seu sistema de amigos.



A primeira foto acima traz a entrada do Fanprojekt na antiga sede do Schalke 04, o que permite perceber uma infraestrutura e instalações de assistência social menores que as encontradas na cidade de Fürth. Abaixo, imagem de uma passagem nos arredores da Arena, em que se veem desenhos autorreferenciais de torcedores Ultras de Gelsenkirchen.

Dito isso, a terça e a quinta-feira (01 e 03/10) foram dedicadas a uma visita ao Museu Nacional do Futebol Alemão e a um encontro com duas curadoras do referido museu, em Dortmund. Minha ideia era conhecer primeiro o espaço museal para ter subsídios e elementos prévios ao encontro com os representantes daquele equipamento museológico. Desde 2010, quando ingressei na Escola de Ciências Sociais (FGV CPDOC), a agenda de pesquisa por mim desenvolvida teve projetos institucionais colaborativos com o Museu do Futebol e com outros museus congêneres, haja vista a investigação das coleções sonoras do Museu da Imagem e do Som (MIS).

O projeto atual que coordeno junto ao CNPq e à FAPERJ lida com acervos sonoros de jogadores e outros atores do futebol desde os anos 1960 e que se encontram depositados no MIS do Rio de Janeiro e de São Paulo. A despeito de homônimos, cumpre ressaltar que são instituições diferentes, havendo mais de 60 MISes espalhados pelo país, com nomenclatura em homonímia, mas a guardar independência entre si.

Em relação específica ao Museu do Futebol paulistano, desenvolvi uma parceria para a pesquisa institucional “Futebol, memória e patrimônio”, responsável pela criação de um banco de dados com antigos jogadores da Seleção Brasileira, que disputaram Copas do Mundo entre as décadas de 1950 a 1980. A estes, se seguiram mais dois projetos de pesquisa, desta feita voltados à História Oral com torcedores organizados de futebol (“Territórios do torcer”), sejam fundadores sejam lideranças, e também mobilizei fontes jornalísticas no Rio e em São Paulo para a compreensão histórica da emergência das torcidas em chave comparada.

Com efeito, a colaboração com este museu do temário futebolístico no Brasil permitiu-me ainda participar mais recentemente da pesquisa de conteúdo e de roteiro para a exposição temporária “22 em campo: modernismo e futebol”, que teve a curadoria de Guilherme Wisnik, em 2022, ano do centenário da Semana de Arte Moderna de São Paulo. A participação que considero mais importante em termos de aprendizagem da estrutura deste museu deu-se graças à renovação da exposição de longa-duração do equipamento, que fora inaugurada em 2008 e que, quinze anos depois (2023), passou por uma atualização conceitual e tecnológica das suas salas expositivas, com seu fechamento e reinauguração em 2024.

Atuei como representante acadêmico no time de curadores e tomei parte em algumas frentes de discussão. Entre elas, destaco a globalização e a migração dos jogadores de futebol contemporâneo; o debate em torno das transformações estruturais operadas pelas arenas multiuso nas formas e nos estilos de torcer; a ampliação do conceito de “futebóis”, com a superação da imagem tradicional e hegemônica do futebol profissional masculino de alto rendimento e sua integração a práticas múltiplas e variadas de grupos sociais que, em distintos contextos e escalas, constituem com igual legitimidade e importância o universo futebolístico. Depois de dois anos de colaboração na pesquisa e curadoria, o Museu foi reaberto ao grande público em julho de 2024.

Faço essa contextualização e esse arrazoado de minha participação para justificar esse tópico da visita técnica ao Museu Nacional do Futebol, em Dortmund. A proximidade com gestores do equipamento e com técnicos do Centro de Referência do Futebol Brasileiro/CRFB – espaço de pesquisa do Museu desde 2013 – contribuiu para fazer despertar na minha trajetória o interesse pelos bens culturais existentes na museologia – vejam-se a esse respeito a tese de Daniela Alfonsi e a dissertação de Renata Beltrão. As visitas subsequentes destinaram-se a uma série de museus no exterior dedicados à temática esportiva. Posso elencar os de Glasgow, Manchester, Lausanne e Zurique, entre outras que possuem equipamentos com museus olímpicos, esportivos, clubísticos ou nacionais devotados ao futebol.

Conforme dito acima, menciono alguns decorrentes de seminários e atividades acadêmicas a que pude visitar e pesquisar fora do país, como o Museu da FIFA e o Museu do Comitê Olímpico Internacional, em Lausanne. Na Grã-Bretanha, pude conhecer o Museu do Futebol; os museus nacionais do futebol da Escócia e da Irlanda do Norte (Belfast). Isso sem contar os emergentes museus de clubes, que são criados no mundo todo, como os do Boca Juniors e do Barcelona, do Chelsea e do Porto, do Liverpool e do Flamengo, para citar alguns por mim conhecidos.

Assim, pareceu-me oportuno não só visitar o Museu do Futebol em Dortmund como estabelecer contato com responsáveis em minha passagem pela cidade. Na terça-feira então fui conhecer livremente a exposição e o complexo museal. A visita proporcionou uma série de impressões que remetem a esses outros museus conhecidos, em especial o brasileiro. Refiro-me a percepções comparadas do percurso

expositivo, com a identificação de similaridades e de diferenças narrativas das quais não cabe desenvolvimento aqui, nesses breves apontamentos de um diário, mas que podem se desdobrar em futuros projetos de artigo.



Vista da parte externa do Museu Nacional do Futebol Alemão (Deutsches Fussball Museum), próximo à estação central de trem de Dortmund, e fachada espelhada da entrada do museu, 03 out. 2024.

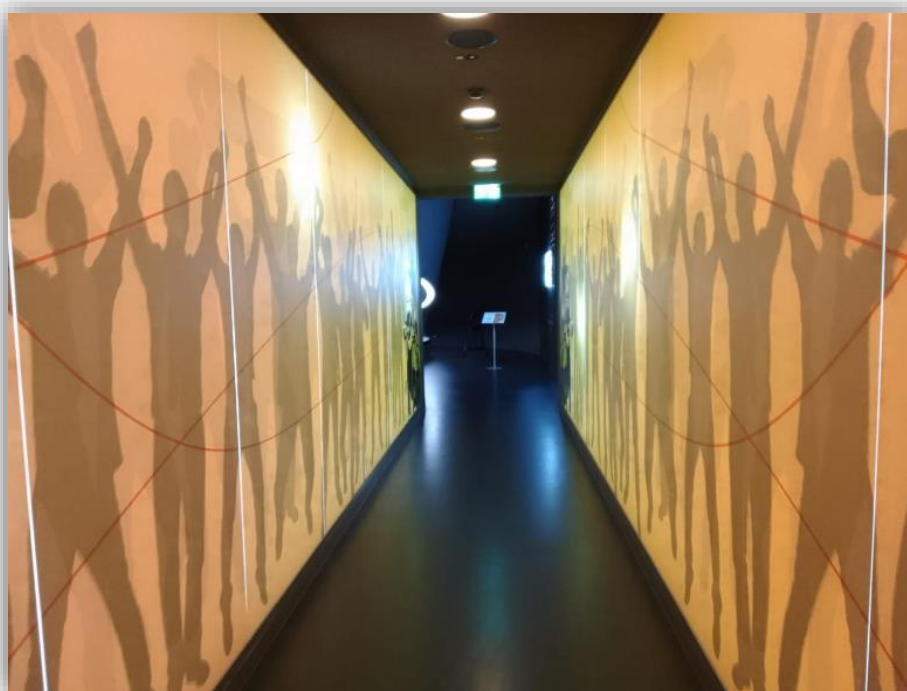
Um primeiro ponto que chama a atenção é a própria monumentalidade do prédio, muito chamativo para qualquer transeunte, com uma localização central na cidade de

Dortmund. Arquitetura, iluminação e instalações de ponta capturam a visão do visitante desde fora do museu. Sua entrada é receptiva desde o entorno e a praça, um alargamento do espaço público do museu, com quadra de futebol para crianças, reprodução de uma bola gigante e placas alusivas à seleção alemã e seus feitos. O *hall* dispõe tanto de referências, imagens e cores que ornam essa chegada quanto do café e da loja, a criar uma primeira ambientação, via consumo, observe-se, do *locus* imersivo.

Interessante pois, na quinta-feira, a curadora que me recebeu, Carina Bammesberger, fez uma observação cronológica a respeito da relação entre arquitetura e exposição: ao contrário da maioria das concepções de museus em geral, não apenas aqueles com temática de futebol, neste de Dortmund o desenho expositivo é que ensejou a projeção arquitetônica do museu *a posteriori*, e não o inverso, como costuma ser o procedimento padrão.

Já em adiantamento ao conversado no encontro de quinta, a responsável disse que o museu data de 2015 e que no próximo ano preparam atualizações para sua primeira década de existência. O museu é em parte uma consequência (ou legado) da Copa do Mundo de 2006, com a DFB – a Federação de Futebol Alemã – como uma de suas principais mantenedoras, a escolher Dortmund em razão da popularidade deste esporte na cidade. A DBF está sediada em Frankfurt, onde mantém seus arquivos sobre o futebol, com a opção de não vincular a pesquisa arquivística à visitação e à curadoria museológica. Isso a aproxima do museu de Manchester, na Inglaterra, cujos arquivos se encontram na cidade de Preston, mas a afasta do caso do museu do futebol em São Paulo, que inscreve seu Centro de Referência no interior do espaço museal.

De volta ao relato da terça, após a aquisição do bilhete na recepção, o itinerário da caminhada simula uma ambiência escalar e uma trajetória ascendente: em uma espécie de túnel do tempo, parte-se do patamar inferior ao superior. A subida dá-se por uma extensa escada rolante, com as paredes laterais pintadas e decoradas de torcedores, trajados em uniformes multiesportivos e multi-clubísticos. Cria-se uma primeira atmosfera cromática, acústica e futebolista de imersão, como se estivéssemos à saída dos vestiários e na iminência da entrada em campo.



Escada rolante de acesso ao piso superior do museu, junto ao corredor que leva à primeira parte expositiva, animada por apelos sonoros de ambientação futebolística.

Também no segundo dia, com a visita monitorada, o guia informou que a parede desenhada reproduzia a geografia dos clubes e dos seus torcedores em sentido

da parte sul da Alemanha à parte norte, da parte leste à parte oeste, o que, por sinal, não fui capaz de notar apenas na primeira ida.

Depois dessa passagem tubular adentra-se no primeiro piso, o mais alto, para início do percurso doravante horizontal e descendente. As salas são amplas em todas as dimensões, de altura e comprimento, dispositivo típico dos museus em geral. O apelo é hiper sensorial desde o início, com alternâncias cromáticas de claro e escuro, mas também com a mobilização do cinza e com o jogo das cores tricolores da bandeira nacional – preto, vermelho e dourado – embora não só estas. A grandiosidade espacial é seccionada em espaços macro, meso e micro, em uma espécie de labirinto de dados, de espelhos e de narrativas em torno das quais cada visitante pode escolher. Corredores, totens, vitrais, cabines e maquetes se sucedem ao longo do percurso, um número considerável deles com dispositivos tecnológicos e interativos chamativos.

Pode-se dizer que um lado futurista do cenário coexiste com uma certa nostalgia na exibição do passado, envolta na reconstituição dos objetos remanescentes das partidas memoráveis, a exemplo da camisa original, da bola de couro, da chuteira pesada, do ingresso da partida final da Copa de 1954, entre outros artefatos que sugerem autenticidade e aura, tal como eram em tempos atrás e do que já não existe mais.

A curadoria abrange pautas canônicas dos museus do gênero, a saber: as Copas do Mundo e suas conquistas pela equipe nacional; a história do futebol e sua linha do tempo ou cronologia; a participação feminina e sua luta por visibilidade; os principais ídolos e suas façanhas, a performance dos atletas e seu hall da fama, à maneira das estrelas do cinema; a cobertura midiática – imprensa, rádio e TV – e sua evolução tecnológica no decorrer do século XX; o imaginário do torcedor, coadjuvante que se torna protagonista por sua presença nos estádios e pela importância desse ator no fascínio do futebol.

O itinerário começa assim do piso superior, com o “milagre de Berna” (conquista do primeiro Mundial em 1954) e vai gradativamente descendo, ao passar por um longo corredor de salas centrais e adjacentes que demarcam temas distintos e temporalidades próprias. A bola e sua esfericidade são também matéria perceptiva para analogias plásticas com o planeta Terra e com a metáfora circular da imaginação do redondo (para evocar a filosofia de Gaston Bachelard). A Copa é um escorço que permite a integração entre as nações concorrentes do globo. A

transição para o piso inferior é feita por uma sala de cinema em 3D, em que um vídeo de 12 minutos cria uma animação bem-humorada com futebolistas alemães de diferentes gerações entre si, desde o técnico da Copa de 1954 até ídolos nacionais da última conquista de 2014.



Enquadramentos do primeiro piso do museu, cujo largo e comprido corredor permite divisões e setores que conformam temas e cronologias, muitas das vezes com formato esférico e circular, para a remissão ao imaginário da Terra e do futebol, por meio da bola.

O andar de baixo continua com uma quantidade expressiva de informações, de estatísticas, de vitrines prenhes de artefatos. Seus apelos visuais, sonoros e técnicos são possíveis pela grandiosidade da arquitetura associada à multiplicidade de estímulos e a uma infinidade de recursos interativo-sensoriais. Curioso observar, conforme notei para a curadora Carina na quinta-feira, que um visitante que fosse parar, apreciar todas as matérias de exposição, ler suas legendas uma a uma e escrutinar todas as suas vitrines, não conseguiria, ao fim e ao cabo de um dia dar conta de assistir a tudo o que se dispõe no museu.

A observação se soma ao fato de que os dois andares vão ao encontro ainda de um terceiro, no subsolo, para exposições temporárias. Este enorme vão, com abertura latitudinal e longitudinal, traz uma ambientação noturna evocativa, em minha primeira impressão, de uma caverna cênica. O contraponto quase imediato, ou óbvio, remete à dimensão solar e circular dos pisos acima visitados. Tratava-se de uma instalação gigante sobre arte e futebol, com um espaço imersivo para um vídeo experimental de quarenta minutos, superposição de imagens artísticas de elevado apuro e senso estético, na construção de uma experiência densa e impactante.

A meu juízo, talvez por trabalhar em minhas pesquisas com a interface futebol/arte, a sala constitui o ponto alto da visita ao museu. Trata-se da mais original e ousada de todo o museu, fugindo a incontornáveis armadilhas e convenções que a representação do futebol enseja em uma expografia. Coloca também em questão as diferentes expectativas que um museu temático de futebol desperta segundo seu perfil de público, desde aquele apenas vinculado emocionalmente a esse esporte até um frequentador de equipamentos museais que aprecia o conceito artístico para além de um determinado tema.

Assim, na quinta (03/10), tivemos o encontro com Carina Bammesberger, da equipe curatorial do museu. Formada em arqueologia na Universidade de Colônia, desde 2020 ela atua no Museu Nacional do Futebol Alemão. Estava prevista também a presença de outra curadora, Janine Horstmann, que não pode comparecer. Um jovem da equipe educativa, chamado Hake, nos acompanhou no refazimento da visita, com uma pletora de dados que a visita guiada ajudou a complementar em relação ao primeiro dia, quando percorri sozinho o espaço.

A conversa e a visita se estendem por quase três horas, com trocas de informações entre a curadoria deste museu e a reflexão comparada com o caso do Brasil e de outros museus visitados. O contato discutiu ainda possibilidades de intercâmbios e possíveis eventos acadêmicos integrados, tendo em vista eventos importantes do calendário esportivo, como a Copa do Mundo de mulheres da FIFA em 2027, a ser realizada no Brasil.



Depois de descer ao piso inferior, também dedicado à parte expositiva permanente, o terceiro andar corresponde a um subsolo, com uma exposição temporária sobre arte e futebol. Trata-se de uma gigante instalação imersiva, que remete o visitante a diferentes temporalidades do futebol e potenciais e variadas experiências estéticas a serem extraídas da interface.

Último, mas não menos importante: durante a visita de quinta, observo que há vários torcedores do clube escocês do Celtic no Museu. Em realidade, desde

segunda-feira, eles se encontravam radiantes e dispersos na cidade para um jogo, eram vistos pelas ruas, com a identificação de sua cor verde e chamativa. O clima para o jogo, apesar dessa presença, parecia ameno e não houve relatos de incidentes, talvez pela ausência de um histórico de rivalidades. O jogo contra o Borussia era válido pela *Champions League* e ocorreu na quarta. Soube no dia seguinte que o time da Escócia levou uma goleada de 7 a 1... Na condição de brasileiro, estudioso de futebol e estando na Alemanha, achei por bem dar o assunto por encerrado...

Diante do exposto, cerro esse diário, dividido em duas partes, com o compartilhamento de duas intensas semanas de reuniões e aprendizagens, de trocas e cooperação com universidades, pesquisadores e instituições na Alemanha, com uma intensa e inesquecível vivência imersiva na realidade futebolística do país. Um agradecimento inestimável ao meu supervisor Christian Brandt que, com diligência, sabedoria antropológica e generosidade, me apresentou ao seu país natal de um modo que, sozinho, jamais poderia aceder nem tampouco perceber.

* * *

Recebido em: 15 jan. 2025.
Aprovado em: 10 dez. 2025.